

Reflexologia portátil

O foie gras

Numa visita a Mineápolis (uma das *Twin Cities*, quase na fronteira com o Canadá), jantei na casa de uma família abastada, perto dos lagos. Éramos doze à mesa. Dois banqueiros, o director de uma faculdade, um crítico de arte, todos acompanhados pelas respectivas mulheres, os donos da casa, eu e a minha acompanhante.

A dificuldade de manter uma apresentação urbana “clean” nesta cidade torna-se evidente: o frio no Inverno é tamanho que as ruas e estradas, avenidas e alamedas se rasgam como desertos de areia gretados pelo calor. Neste paradoxo, os desertos de betão abrem fendas reconhecíveis à distância pela sujeição a muito baixas temperaturas. Todos os anos o piso é arranjado e todos os anos o desafio do clima recomeça.

No carro, a caminho do jantar, e reparando nessas vias cheias de feridas, lembrei-me da minha terra natal, Goa: a monção, que com as suas chuvas torrenciais cai entre Junho e Setembro, tem um efeito destruidor sobre as construções. Os edifícios públicos, as casas particulares, tudo o que é obra humana, fica exposta à fúria recorrente da água e da humidade quente que toma conta dos dias. Cada Verão se pinta de novo, com a estação das chuvas dilui-se o trabalho. Os teimosos mantêm as paredes coloridas e dignas, os desistentes colocam a degradação sucessiva como cartão de visita.

Também assim em Lisboa, onde cada rua, cada casa dependem de teimosias ou desistências particulares. As ruas, essas estão mais ou menos devastadas por buracos, pavimentos irregulares, ausência de linhas. As casas e os edifícios públicos, por falta de pintura, risco de derrocada ou outros males visíveis. Não estando a cidade confrontada com os extremos naturais do frio de Mineápolis ou das chuvas de Goa, de onde lhe vem a degradação como elemento identitário?

O carro chegou a casa dos meus anfitriões, decorada na entrada com imponentes colunas neoclássicas a que tantas casas americanas recorreram para afirmar um certo estilo de vida.

Por vezes, há uma Europa que olha para a América com desdém, nomeadamente, no que a civilidade e etiqueta respeita. Seria o culminar de uma série de epítetos que fariam da América uma terra de colonos, agricultores, comerciantes revoltados e novos ricos. Nos seus apoucados 200 e tantos anos de História, haveria dificuldade em demonstrar elegância efectiva, sofisticação aceitável. É um modo de devolver em rancor o que a América tinha dado em vidas e dinheiro para garantir a sobrevivência Europeia na II Grande Guerra e no seu período imediatamente posterior.

O foie gras caseiro que serviu de entrada para o jantar e tudo o que a coisas e pessoas respeita naquela cidade fria, levaram-me a pensar nos milhões de indivíduos que contribuíram para fazer da América a nação mais poderosa do Mundo. É certo que, olhando para Gregos e Romanos (uma espécie de *alter egos* de Europeus e Americanos) se percebe, historicamente, que uma sociedade mais sofisticada em termos culturais – a grega, foi conquistada por uma sociedade mais sofisticada em

termos organizacionais – a romana. O produto dessa conquista – a sociedade greco-romana é um dos elementos estruturantes da sociedade ocidental. O *foie gras* pode saber tão bem em Paris como em Mineápolis.